
RAMOS, Paulo César. *Gramática negra contra a violência de Estado: da discriminação racial ao genocídio negro (1978-2018)*. São Paulo: Editora Elefante, 2024.

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos¹

Da denúncia à ação: *Gramática negra* e o enfrentamento da violência racial no Brasil

A obra de Paulo César Ramos, *Gramática negra contra a violência de Estado: da discriminação racial ao genocídio negro (1978-2018)*, lançada pela Editora Elefante em 2024, destaca-se como contribuição fundamental ao debate contemporâneo sobre raça, violência e memória no Brasil. O autor ilumina um período decisivo da história recente, revisitando a trajetória do movimento negro com uma abordagem que integra análise documental, memória coletiva e engajamento militante. O que poderia ser interpretado como mero levantamento histórico transforma-se em investigação profunda sobre os mecanismos de produção e perpetuação da violência racial, além das estratégias de enfrentamento desenvolvidas por ativistas, organizações e intelectuais negros ao longo de quatro décadas.

Ramos ultrapassa a simples descrição de episódios ou a enumeração de casos de violência policial; prioriza compreender como o Estado brasileiro, por meio de suas instituições – sobretudo a polícia – imprime a raça no cotidiano urbano, nas ruas e nos corpos negros. O recorte temporal escolhido, de 1978 a 2018, é essencial, pois abrange desde a rearticulação do movimento negro durante a redemocratização até a consolidação de novas formas de resistência, marcadas pelo aprofundamento do debate sobre o genocídio negro. O autor evidencia a transformação do léxico do movimento ao longo do tempo, acompanhando as mudanças sociais e as modalidades de violência enfrentadas pela população negra.

¹ Doutor em Letras, na área de concentração em Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). É Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), Classe A, Nível 1, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), desde 2026. Líder do Grupo de Pesquisa Direitos Humanos e Linguagens (IFPB/DGP-CNPq). Possui experiência docente no ensino médio e no ensino superior. ORCID: [orcid.org/0000-0002-5472-8879]. E-mail: adaylson.vasconcelos@ifam.edu.br

O conceito de “gramática negra”, central à obra, refere-se ao conjunto de códigos, símbolos e práticas discursivas que orientam a ação política do movimento. Ramos demonstra que essa gramática é dinâmica, sendo constantemente reconfigurada diante dos desafios históricos. Nos anos 1980, prevalecia a expressão “discriminação racial”; nos anos 1990, ganhou força o termo “violência racial”; e, a partir dos anos 2000, o conceito de “genocídio negro” passou a ocupar posição central nas pautas do movimento. Essa evolução não se resume a uma mera troca de palavras, mas reflete uma mudança substancial na compreensão do papel do Estado e de suas instituições na manutenção das desigualdades raciais.

Ao analisar a produção da raça no contexto da segurança pública, Ramos sublinha que a ação policial funciona como um ritual de racialização, momento em que o Estado, por meio de seus agentes, materializa a raça no cotidiano das pessoas. A abordagem policial, assim, não se limita a um ato repressivo, mas opera como gesto simbólico que atualiza hierarquias e produz subjetividades. O autor ressalta que, mesmo diante de casos emblemáticos de violência que mobilizam a opinião pública e provocam indignação, as mudanças institucionais avançam de forma lenta e insuficiente. A memória coletiva do movimento negro, nesse cenário, atua como contraponto ao esquecimento e ao apagamento, permitindo que as lutas do passado iluminem os desafios do presente.

Ao longo do livro, Ramos problematiza a própria noção de “gramática negra”, mostrando que ela não pode ser reduzida a um conjunto de slogans ou a uma estratégia de comunicação. Trata-se, antes, de um repertório de práticas e saberes que orientam a ação política do movimento, possibilitando que ativistas e intelectuais negros construam sentidos, mobilizem pessoas e pressionem por transformações. O autor enfatiza a relevância da documentação e da preservação da memória, destacando o papel das organizações negras na construção de acervos digitais, como o AfroMemória, que reúne materiais de diversas entidades e coletivos. Esse esforço de sistematização é crucial para garantir que as vozes e as experiências do movimento não se percam e que novas gerações possam acessar e ressignificar esse legado.

A escrita de Ramos é marcada por densidade analítica e sensibilidade política. Ele não se limita a descrever fatos, mas busca compreender as lógicas que orientam as ações do Estado e do movimento negro. O autor demonstra, por exemplo, que a crítica ao genocídio negro não é uma invenção recente, mas resultado de um processo histórico de acumulação de experiências, lutas e derrotas. O livro, portanto, é também uma reflexão sobre a capacidade de organização e mobilização

do movimento negro, que, apesar das adversidades, conseguiu construir uma agenda política própria e influenciar o debate público.

A radicalização do discurso, como aponta Ramos, não é apenas resposta à violência, mas também estratégia de visibilidade e politização. Ao denunciar o genocídio negro, o movimento coloca em xeque a legitimidade do Estado e de suas instituições, exigindo mudanças estruturais e não apenas reformas pontuais. O autor destaca que, mesmo diante de avanços parciais, a violência policial continua a ceifar vidas negras, evidenciando a persistência do racismo estrutural. A memória coletiva, nessa perspectiva, funciona como antídoto contra o esquecimento e o apagamento, permitindo que as lutas do passado inspirem ações no presente.

Gramática negra contra a violência de Estado é, portanto, obra fundamental para compreender a dinâmica da violência estatal no Brasil e as formas de resistência desenvolvidas pelo movimento negro. O livro mostra que a luta contra o racismo não se restringe à denúncia da discriminação, mas envolve crítica radical ao papel do Estado e de suas instituições na produção e manutenção das desigualdades raciais. A “gramática negra” é instrumento de luta e memória, que permite ao movimento construir sentidos, mobilizar pessoas e pressionar por mudanças.

Ao longo da leitura, percebe-se que a obra não se limita a um exercício acadêmico, mas se inscreve em uma tradição de militância e compromisso político. O próprio Ramos, como pesquisador e militante, articula teoria e prática, mostrando que o conhecimento produzido a partir dos arquivos do movimento negro é engajado e transformador. A obra é também reflexão sobre o papel dos intelectuais negros e sobre a importância da memória coletiva na luta contra o racismo e a violência de Estado. Ao reconstruir a história do movimento, Ramos não apenas resgata experiências do passado, mas oferece ferramentas para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

A análise de Ramos sobre a produção da raça no contexto da segurança pública é especialmente potente. Ele demonstra, com clareza, como a polícia — ao optar por abordar um jovem negro, ao invés de um jovem branco — não apenas reproduz uma hierarquia, mas a atualiza e a torna concreta. A abordagem policial, nesse sentido, é entendida como ritual de racialização, momento em que o Estado, por meio de seus agentes, imprime a raça no corpo e na vida dos indivíduos. Esse ritual não é apenas físico, mas também simbólico: envolve gestos, palavras, tons de voz, olhares, e se inscreve em uma tradição histórica que remonta ao período colonial e escravista. O correr, por exemplo — ato de fuga diante da agressão policial — é ressignificado como gesto de resistência, que remete à formação dos quilombos e à luta pela liberdade.

O que mais se sobressai na obra é a capacidade de articular análise histórica, reflexão teórica e engajamento político. O autor não se furta a problematizar conceitos, questionar narrativas hegemônicas e propor novas perspectivas para compreender a relação entre raça, Estado e violência. *Gramática negra contra a violência de Estado* é contribuição fundamental para os estudos culturais e de negritude, oferecendo análise densa e matizada sobre o movimento negro e suas estratégias de luta. Ao reconstruir a história do movimento, Ramos não apenas resgata experiências do passado, mas oferece ferramentas para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

Referência

RAMOS, Paulo César. *Gramática negra contra a violência de Estado: da discriminação racial ao genocídio negro (1978-2018)*. São Paulo: Editora Elefante, 2024.